

Fotos reproduzem atos da performance
"Recepção para o Nada", realizada durante a 29ª
Bienal de São Paulo, em 2011.

MARCUS DAVID



O CORPO DA PERFORMANCE

MARCO PAULO ROLLA

Mestre em Artes pela Escola de Belas Artes/Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Criador, coordenador e editor do Centro de Experimentação e Informação de Arte (CEIA) em Belo Horizonte

Como definir a performance, sendo ela um meio híbrido por essência? Sua estrutura está sendo sempre remontada e reapropriada. Absorvendo as idades e passagens do tempo como parte de seu composto, o artista produz um elo entre o tempo da história e o tempo presente, sentido em um corpo também ambíguo.

São várias as definições sobre o assunto. Também já vimos muitas tentativas de formatá-la como um campo artístico específico. Será isto possível, já que o corpo é transmutável e tem, em sua formulação, a ideia do transgressor de limites? É com esta característica que ela reage aos inúmeros arquivistas, organogramas e fichários.

A performance não é!

Ela quer ser penetrável, transformadora de espaços, pessoas e mentes. O ambiente da performance quer ser mutante e mimético. Em sendo ela muito flexível, pode desenvolver diálogo entre muitas áreas do conhecimento do homem. Mas o que é mais interessante disto tudo é que este fenômeno acontece principalmente através do poder de transmissão sensível da presença do corpo, imagem e energia. O corpo do *performer* envolve este espaço e o constrói, fazendo-nos perceber tudo como um corpo único. Em sua busca, muitas vezes, revive o passado e tange o sentimento primal de pertencimento na natureza e na vida.

O que é a Natureza hoje? A natureza do homem? Elemento constituído das misturas químicas de tudo na terra, minerais, líquidos, ar, flora e fauna. A paisagem das cidades seria uma espécie de natureza, já que também é feita de transformações dos

mesmo materiais pertencentes e transformados pelo homem? O espaço cibernético é natureza?

O corpo também é mutante e readaptável, assim como a natureza. Talvez por isto a performance seja das artes a que mais chega no limite entre representação e realidade: por se espelhar no corpo, ser o corpo e ter o corpo como seu maior instrumento e sua lente de visão. Por meio do corpo, o *performer* manipula a natureza, seja urbana ou selvagem, para que ela adquira as sensibilidades trabalhadas por ele. E é no corpo do outro que a performance é vista e sentida. Compondo a natureza da performance, todos estão ali presentes, com suas noções de limites sociais distintamente impregnados em cada corpo.

Assim, qualquer objeto ou roupa acoplada ao indivíduo/corpo vira também imagem e constitui códigos socioculturais. Mas é no corpo sem roupas que o homem encontra sua ancestralidade, seu elo antropológico.

E, de repente, o rei está nu. Assim ele veio ao mundo, de corpo presente. Houve um tempo em que o homem não tinha vergonha de seu corpo, pois ele era e pertencia a tudo. Mas com o passar do tempo e com o uso de elementos decorativos acoplados a seu corpo, o homem criou a vestimenta. Na maioria das vezes, eram instrumentos que serviam para a guerra ou para distinções sociais. Com a vestimenta, também vieram o pudor e a vergonha. Com estes sentimentos, a sociedade manipula o humano a cada geração de interesses, por meio da noção de presença deste corpo. Seguindo estudos profundos sobre a moda, o artista Flávio de Carvalho (2010, p. 33) afirma:

Desde o momento em que o homem começa a colocar adornos e trajos sobre o seu corpo nu, ele inicia a separação de classes, estabelecendo um compromisso coletivo entre os membros da sociedade para que os mesmos aceitem tacitamente a distinção pelo traje e pelo adorno.

Seu corpo nu vai desprover o olhar do outro das armadilhas dos códigos sociais dos vestuários e dos figurinos de pertencimento, criando assim outros lugares. Ampliar seu espaço de ação sensória pode ser um dos motivos para a aparição do corpo limpo. Também existe um sentido de se colocar vulnerável, de exercer sua humildade, mostrando seus “defeitos” e qualidades. A vestimenta tem muito haver com o sentimento de inferioridade do homem:

O Trajo e a moda devem ser considerados como uma libertação das inferioridades do homem. É pelo traje e pelos costumes que ele consegue se livrar das inferioridades, compensando-as. O traje é, pois, uma manifestação de liberdade. (Ibid., p. 51).

Logo, ao contrário do que se pensa, tirar a roupa socialmente, como faz o *performer*, não é somente um ato libertário, ideia surgida na luta pela liberação sexual dos anos 1960. Ficar nu é entregar-se, ao crivo do olhar que julga, para uma tentativa de



MARCUS DAVID

contato, pois, em pleno século XXI, ainda temos muitos problemas em aceitar nosso corpo puro, se é que existe esta possibilidade de pureza. Mas ainda hoje, quando ele aparece, torna-se afrontoso. A sociedade constrói muros anestésicos e o homem está cada vez mais distante de si mesmo.

O corpo da performance quer reestabelecer a conexão entre seu passado animal e o homem digital. Por isto, vai usar suas possibilidades de existir em extremos, nu ou com a casca.

Usar o corpo como técnica artística na era digital é um ato político e um remédio para a sanidade mental. O capital digital tenta convencer seus consumidores de que um corpo digital pode ser um prazeroso substituto. Um substituto do ser homem de existência solitária, concentrada em um único corpo presente que pensa que, no mundo digital, ele está sempre “acompanhado”, que só de estar ali ele está em rede. Mas isto nada mais é do que uma ilusão e um espelhamento da vida. Pois sempre estaremos em rede e sempre existiremos simultaneamente no mundo real. E é claro que a possibilidade global de contato imediato, via internet, muda o tempo do mundo. Mas é o mundo real que exige um verdadeiro ato de conexão, o toque, a fala, o olhar e, principalmente, a troca de energia da presença. A arte da performance restabelece esta possibilidade. Ela resgata do homem sua vivência primordial, o tempo vivido no tempo. Por isto, em sua história, esteve sempre ligada a momentos frágeis e cruciais da humanidade. Na época do Dadaísmo, na Primeira Guerra Mundial, nos anos 1960 e 1970, na grande revolução de liberação sexual, religiosa e ética e hoje, na era do capital digital, assistimos a uma guerra virtual e global que confunde e transforma a noção de existir e pertencer do homem.

A partir dos anos 1990, vemos a performance ganhar cada vez mais lugar de destaque no mundo das artes. Este interesse, além de reconhecer o híbrido como

MARCUS DAVID



valor, está totalmente ligado à necessidade de reviver no corpo a possibilidade de mudança da sua noção de presença. Na ameaça do virtual, onde a noção do tempo foi acelerada e o sentimento de estar e pertencer é estabelecido por um simples *clic*, sem os jogos de sedução e a trocas de odores, o homem tem a necessidade de mediar este momento, de beliscar a carne, sentir a dor e ver o corpo “imperfeito”. A sensação de desaparecimento da necessidade de presença do humano traz esta urgência da relação com o corpo, mesmo em sendo ele um problema para a autoestima do homem.

No corpo, estamos mais perto dos animais, defecamos, comemos, fedemos, temos pelos e envelhecemos com o passar do tempo. No advento da era digital, estamos assistindo a um distanciamento ainda maior do homem com relação ao seu reconhecimento. Por um lado, cresce o desejo de retirar todos os pelos do corpo, colocar próteses internas e ser “amigo” de dois mil seguidores virtuais; por outro lado, ninguém tem mais tempo de marcar um encontro para reais trocas de informações e sentimentos. Estes são sinais deste evento social no contemporâneo. Há milênios, o homem está em crise, perseguindo a conquista do poder de rejuvenescimento, de paralisar este caminhar de seu corpo em degradação. Pensamos que o corpo está sempre imperfeito e que, com a idade, ele piora.

Inconformado, o homem quer parar o tempo, mas, ao contrário disto, ele o acelera. Ele quer esquecer o seu animal ancestral, pertencente ao todo natural do globo. E ainda por cima, quando o Rei aparece nu, tem a coragem de lhe jogar tomates.